

AS IDEIAS FORMADAS DO OUTRO. UM PENSAMENTO CRÍTICO ENTRE O ORIENTALISMO E AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Tamires Silva Pereira Prazeres¹

Resumo: Este artigo aborda a visão do outro dentro das culturas existentes no mundo. De uma forma singular irei comparar a forma de visão do outro na conquista da América Latina, através do modernismo iniciado naquela época e do Oriente Médio tratando da questão de visão do islamismo e do repúdio a essa religião e a seu povo. A comparação tem como objetivo ver as vertentes da fabricação da cultura chamada “correta” e da cultura “errada” ou mesmo “demoníaca”. Trataremos da conquista de terras através dessas visões no ontem – América Latina; e no hoje – Oriente Médio fazendo a ligação desses pensamentos ao Orientalismo e as Epistemologias do Sul.

Palavras chaves – Orientalismo. Epistemologias do Sul. Conquista. Outro. Cultura.

Introdução

O artigo tem como objetivo analisar quais as produções de saberes pré-determinados por um grupo que acha que a suas vertentes de pensamento são as verdadeiras. Para Edward Said, o orientalismo vê o islamismo como uma “seita”, sem valor algum, algo parecido com o que aconteceu com a colonização da América Latina. O Oriente é estudado a partir de um olhar preconceituoso, e o que faz o Oriente hoje são os pensamentos europeizados. BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, 2009 quando fala das Epistemologias do Sul, demonstra que estamos submersos a uma ‘colonialidade do poder’, o que faz de nós um povo europeizado, com tendências da civilização do Norte. Esta colonialidade não está somente na colonização do Novo Mundo, mas também hoje, através das epistemologias estudadas na academia, é o que firma a relação de poder sobre os povos do Sul.

1. Um breve histórico da visão do outro na América Latina e no Oriente Médio

A partir do Iluminismo do século XVIII, houve um deslumbramento para as ciências e as descobertas europeias, onde as outras culturas e os outros saberes não tinham vez, a não ser aquelas que partiam da Europa. Estes estudiosos passaram a estudar outras sociedades e

1 Licenciada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, especialista em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e Bolsista CAPES no Programa de Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. E-mail: tamiresspereira@hotmail.com

culturas, trazendo para a academia um pensamento do “outro” preconceitualista, nascendo o “orientalismo e o ocidentalismo eurocêntrico” (DUSSEL, 2009).

1.1. América Latina, dominação, cultura e Epistemologias do Sul

A América Latina, em específico as terras portuguesas, foram conquistadas através de uma luta de imposição cultural, diferente da América espanhola, onde os espanhóis chegaram tomando terras e matando nativos. Os portugueses chegaram aqui e impuseram sua cultura e religião cristã aos nativos, como se fosse uma troca de favores, onde os indígenas aceitariam as religiões deles e sua cultura, e em troca teriam sua vida preservada, para que os portugueses pudessem usufruir dos bens materiais que existia no território colonizado. A partir daí, a cultura indígena foi totalmente dilacerada e demonizada, fazendo com que houvesse proibição do uso dessa cultura nativa, dizendo, pois, que esta é inferior e ultrapassada, e que através da cultura portuguesa (europeia), estes povos teriam sido abençoados e trazidos a modernidade da época e ao desenvolvimento. Como DUSSEL (1993, p. 296) ressalta em seu livro, ele nos diz que “declara-se como não humano o conteúdo das outras por ser diferente da própria (...) porque ‘humanos’ eram apenas os habitantes que viviam nas cidades”, justificando assim as guerras feitas contra os povos nativos da hoje conhecida América do Sul, dizendo que assim estes povos se civilizariam e a Europa entraria como um “mestre” que ensina o que é certo ao seu aprendiz, alcançando estes futuramente a civilização.

1510

A semelhança na história da América do Sul e a do Oriente Médio, demonstram que a colonização está presente ainda hoje nos tempos contemporâneos, onde todos já foram alcançados pelas luzes, demonstrando assim que a visão do “outro” não tem nada a ver com objetivo de levar a modernidade, mas que há uma intenção de poder econômico.

Isso explica a influência da mídia na sociedade. Especificamente no Brasil, ainda há muito do que foi imposto na época da colonização pelos europeus, significadamente na cultura e na religião. Nossas raízes principais e nativas são as “indígenas”, e temos muito pouco dessas características em nosso dia-a-dia, a não ser nos nomes indígenas, como por exemplo, de ruas e frutas, mas que é muito pouco em vista de um país completamente dominado pelos povos indígenas outrora. Não sabemos expressar nada em tupi guarani, ou qualquer outro dialeto indígena existente em nossa nação naquela época. Em outros países da América Latina, o que prevalece no idioma nacional, é o dialeto existente no território na

época da colonização, e a língua espanhola dos colonizadores, podemos perceber a partir daí, o quanto nossa cultura é europeizada.

Partindo da história das grandes navegações, e adentrando na colonização territorial, no Brasil especificamente, algumas décadas mais a frente, depois de 1500, temos nossa segunda raiz cultural – a africana, trazida pelos “escravos”, que foram trazidos por sua vez, para cá pelos europeus, para tornar a dominação econômica mais rápida, através da mão-de-obra escrava negra. O que podemos ver em nossa cultura, são grandes características africanas em alguns pontos, explorados e identificados por alguns, mas menosprezados por uma grande maioria da população brasileira, e muitas vezes estraçalhada pelo preconceito. As religiões africanas, são as principais crenças que foram demonizadas pelos europeus e descartadas, e consequentemente os cidadãos brasileiros hoje, ainda conferem um grande rechaço às religiões de cunho africano. Como o desenvolvimento e o avanço, acontecia somente na Europa daquela época, apenas os europeus eram civilizados, tudo o que estivesse fora disso seria descartável.

Já sabemos o quanto de pessoas e nativos pagaram o preço de não se renderem ao povo europeu, e hoje ainda podemos lutar por nossa cultura e nosso desenvolvimento como pensamos ou achamos, aí entram as Epistemologias do Sul que “assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (SANTOS, 1995 apud SANTOS; MENESES, 2009), onde Boaventura nos ensina a ver o que somos, nos apresentarmos como somos, aonde formos. E as Epistemologias do Sul nada mais é, que a importância dada aos nossos conhecimentos, sem a interferência de mundos europeus ou estadunidenses, falando de nossa era. Sendo que somos o que somos através de nossas raízes sem predeterminações ditadas por outros povos. É a geração de conhecimentos e pontos de vistas percebidos por nós mesmos, e muitas vezes até importados para outros países. É a nossa autonomia como povo latino-americano ou sul-americano dentro da sociedade capitalista existente.

1.2. Oriente Médio e Orientalismo

A colonização do novo mundo se deu no século XV, a colonização dos povos orientais se deu mais a frente no século XVII quando os Impérios europeus já interferiam na política e riquezas do mundo árabe. Mas é depois das duas guerras mundiais, que o Oriente Médio passa a perder sua independência, principalmente na Segunda Guerra Mundial, quando os seus domínios passam para as mãos dos países da Entente, desde então houve a divisão do

Oriente Médio pelos países que integravam a Entente, e que aos poucos foram dando independência aos países árabes “colonizados”. Hoje alguns países árabes ainda sofrem com a interferência de nações estrangeiras, principalmente da potência norte-americana.

Trazendo a visão do Oriente e a dominação ocidental naquela região hoje, em nossos tempos, podemos ver diversas similaridades no ontem (A. latina) e no hoje (Oriente Médio), nas formas de dominação e das tradições ditadas como certas.

Podemos ver que são países totalmente diferentes e distantes no mapa, de cultura e religião também muito diferentes, mas com uma história muito parecida, onde os protagonistas, não são mais a Europa ou a América Latina, mas o Oriente Médio e o Ocidente. A dominação do Oriente Médio, é diferente daquela que foi imposta aqui, pois a implantação da cultura ocidental não obteve sucesso em sua inserção no Oriente Médio, e talvez tenha sido isso o que mais trouxe conflitos para essa região, pois os árabes não quiseram curvar-se à grande potência existente hoje, os Estados Unidos. Um caso que sobressalta é do Irã, que através de um Plebiscito, o povo decidiu por um governo apregoado na religião, transformando o país em uma República Islâmica, baseada nos ensinamentos do Alcorão, demonstrando assim o real desejo da população, e colocando por terra o objetivo estadunidense.

Tomando como base a região de Israel e o conflito com a Palestina, que demonstramos bem o que há de colonização e interpretação do outro, e o que predomina naquela região, em relação a superioridade israelense perante os árabes, e a ajuda generosa dos Estados Unidos para com o israelense, enxergamos que através desse conflito as regiões de seu entorno tomaram partido pelo lado mais forte: os EUA e conseqüentemente de Israel, fazendo com que a Palestina fique recuada em um minúsculo espaço de terra onde vivem esmagados e humilhados, praticamente inexistentes, no lado de lá da linha abissal (SANTOS; MENESES, 2009). Através dessa diplomacia, os países daquela região tem relação política e econômica, dando abertura aos EUA de usufruírem de suas riquezas naturais. O que nos mostra novamente a busca econômica de um país em detrimento do sofrimento do outro. Veja bem, não mataram sua cultura, ela ainda existe lá, mas são persuadidos, e muitos dos povos existentes como na Palestina, subjugados e perpetuados como vilões, como povos mal, destinados pelos seus opressores a viverem e desaparecerem na miséria, por um dia não terem se dobrado ao grande poderoso mundial. O Orientalismo é isso, é o julgamento de uma cultura, vista pelo lado de cá, como uma cultura má, e este pensamento é jogado a todas as

outras nações através das mídias controladas pelos mesmos, que inventam essa “cultura” e a transformam como modelo inapropriado, conseguindo assim destruir uma sociedade, matando suas raízes, para implantar a cultura dita aceita e correta, para interesses econômicos.

2. As ideias formadas do “Outro”

Assim então o Oriente e o Sul do mapa geográfico, são interpretados talvez com uma certa diferenciação, mas são subjugados pelo mesmo poder e o mesmo imperialismo.

O que aconteceu na América Latina é o que acontece até hoje no Oriente Médio, produção de saberes pré-determinados por um grupo que acha que a suas vertentes de pensamento são as verdadeiras. A religião cristã fundada na Europa e disseminada para os quatro cantos do mundo, prega que qualquer outra forma de religiosidade é errada.

Tomando como início a religião islâmica, Edward Said demonstra que o islamismo foi visto como uma seita sem valorizações, a tratavam assim “com uma abstração antropomórfica quanto com uma cultura político-religiosa (...) falava do Islã como de algo miserável, vazio e trivial.” Said (1996, p. 214), o mesmo que aconteceu com os povos indígenas da América Latina na época da colonização, “(...) povos do novo mundo (...) foram apresentados, inscritos para os europeus de acordo com os modos de classificação vigentes na Europa (...) como pagãos (...)” Westhele (1995, p. 262). Ou povos que por não partilharem da sabedoria dita correta, foram sacrificados, escravizados e animalizados, por conta de seus ritos, crenças, sociabilidades e modos de viver.

A partir daí, são inventados os modos de vida do povo nativo, uma nova cultura, uma nova religião é criada em cima da já existente. No caso do islamismo no Oriente Médio, este é a causa de vários estudos, chamado por Said de Orientalismo, não pra repassar sua cultura e demonstrar suas especificações e diferenciações ao mundo, mas sim para julgá-la, e sulbalternizá-la, escandalizá-la.

É então um meio de estudo que subjulga o outro. Fazendo com que a ciência primordial é apenas aquela Européia, que se dá de modo cordial, apresentando não só aos muçulmanos, mas para com os sul-americanos a oportunidade de se voltar a “verdade”, tanto como na religião, como na ciência e na prática de vida, “O que se tem chamado de ciência é o que tem feito o exercício do conhecimento ser também um exercício de poder.”

(WESTHELE, 1995, p. 266). Eles assim aplicam sua dominação através de sua cultura e do conhecimento chamado correto.

Na América Latina, a colonialidade acabou por ser uma forma de dominação do outro, de todas as formas imaginadas possíveis, e muitas vezes, os próprios colonizados acabaram por ser submersos a essas outras culturas, acreditando mesmo, que tal cultura era a correta, esquecendo-se de sua natureza e essência, transformando determinado local em um universo cultural europeu. No caso do Oriente, os estudos do local os subjugaram assim, fazendo com que esse pensamento pejorativo se estendesse pelo mundo com o orientalismo. A sociedade islâmica em seu locus, não foi afetada, apenas a sua identidade vista pelo lado de fora, pelo o outro: “Os árabes (...) são vistos como libertinos montados em camelos, terroristas, narigudos (...) cuja riqueza não-merecida é uma afronta a verdadeira civilização.” (SAID, 1996, p. 117). O Deus dos europeus, não pôde ter proporcionado tamanha riqueza à pessoas de cultura tão “animalescas”, o que permitiu e autorizou os europeus e hoje os norte-americanos, de matarem, se os colonizados não concordarem com que é chamado de correto.

Através da guerra então, os povos europeus e norte americanos dizimam as culturas ditas “rebaixadas”, para inserir a sua própria, ocidental e europeia, consideradas superiores.

A partir daqui nos perguntamos: porque todas as sociedades acabam se aliando a sociedades ditas “superiores”? Porque é ai onde ela pode conseguir a paz, que antes havia em seu território, e talvez até a esperança de um dia dominar outros povos, não por vingança, mas por questões de interesses governamentais, de não ser mais uma civilização subjugada perante o mundo, mas julgadora e superior, como as grandes potências mundiais. Pois é ai que nasce os laços com outras civilizações e a proteção no caso de guerras e conflitos, “Noutras palavras, a prática da renuncia e da abnegação permite uma pluralidade e contratos, isto é, uma sociedade: o limite aceito funda o contrato social.” (CERTEAU, 1994. p.135). É a conhecida junção com o mais forte, que os protegerá. E junto com essa junção, se vai valores sociais, costumes e religião, para a entrada de novos símbolos, fazendo com que nasça, com a soma da cultura existente do colonizado, uma nova cultura, através da cultura do colonizador. E assim, a sociedade de determinado local, vai se acostumando com esses novos jeitos de se viver, e a cultura nativa vai morrendo, ocorrendo uma mistura (no caso da América Latina), e um embate violento de culturas entre o Oriente Médio e o Ocidente.

No caso do Oriente Médio, o que muda são as visões de fora da cultura muçulmana para dentro dela, e como os ocidentais ou os europeus em épocas atrás, não conseguiram

disseminar seu pensamento de “liberdade” ao povo árabe, o ocidental, passa então a julgar o árabe, e apresentar a cultura desses como louca e terrorista, formulando um óculos teórico de visão cultural, onde a população é engessada e moldada no olhar preconceituoso da cultura estranha, mentalidade esta, imposta pelos colonizadores de ontem e de hoje acerca de um povo que também tem o que ensinar as outras civilizações.

Certeau nos mostra bem essa forma de fazer a cultura e de destruí-la, você pode pegar o que interessa de uma cultura e todo o resto jogar fora e demonstrar aos outros, somente o que interessa para a sociedade dominadora, mas você também pode desfazê-la totalmente e impor o novo:

(...) em primeiro lugar, destacar e, depois, pôr do avesso. Em primeiro lugar, um isolamento “etnológico”; depois, uma inversão lógica. O primeiro gesto destaca certas práticas num tecido indefinido, de maneira a trata-las como uma população à parte, formando um todo coerente mas estranho no lugar de onde se produz a teoria. (Certeau, 1994. p. 133).

De qualquer forma, você esta amputando uma cultura e inserindo algo mecânico ao seu corpo, algo que não o torna original, nem harmônico.

1515

Hoje em dias de soberania intelectual, podemos ver essa forma de superioridade sobre outros povos, a mesma da colonização, sempre quem está no topo hierárquico mundial, impõe sua ‘soberania’, e sua cultura aos outros povos. Hoje é os Estados Unidos, que impõe sua cultura consumista e de ‘democracia’, e o incivilizado da vez são os povos do Oriente Médio, onde os Estados Unidos estão por dar a oportunidade de conhecer a cultura e a política “justa”, e por esses mesmos argumentos, justificam as atrocidades que fazem ao árabe, assim como os europeus se desculpavam ao matar os nativos da América Latina.

O “descobrimento” do Oriente pelos europeus, faz com que estes achem que tem poder pelos seus bens históricos, culturais e religiosos, fazendo-se uma interpretação destes como bem entendem, sem se preocuparem de como esta cultura realmente é ou existe (SAID, 1995). É o poder, a dominação do outro (FOUCAULT, 2001).

(...) que são uma raça submetida, dominados por uma raça que os conhece e sabe o que é bom para eles melhor do que eles poderiam jamais saber sobre si mesmos. Os seus grandes momentos estão no passado; são úteis no mundo moderno apenas porque os impérios poderosos e atualizados tiram - nos efetivamente da desgraça do próprio declínio e transformaram-nos em residentes reabilitados e colônias produtivas. (SAID, 1995. p. 45)

Na América Latina os europeus nos descreveram como dados a lascívia, preguiçosos, que tudo era motivo para a festa (CARVALHO, 1987). No caso do Oriente, ele diz praticamente que os orientais são animais, que não pensam e não entendem, e que além de mentirosos, não são confiáveis (SAID, 1995). É o sentimento de desconfiança e medo para com o árabe que foi nos imposto desde sempre.

A Europa se vê sempre em posição superior de domínio as outras civilizações. Defendem-se dizendo que os árabes pregam a vingança, fazendo com que europeus e ocidentais entendam que de uma forma ou de outra, os árabes oferecem perigo para todo o mundo, e que, além disso, seu objetivo maior é o clientelismo, é o ganhar, o vender, por isso que os árabes têm a fama de bons negociantes e de trapaceiros.

As formas de estudar o mundo árabe, não foi através de seus utensílios, ou descobertas em sítios arqueológicos, na vida do cotidiano, mas sim em livros escritos por viajantes, principalmente ingleses, que escreviam o que viam em suas viagens, e conseqüentemente, o que lhes causava repúdio, era registrado nos livros com oposição total as ações praticadas pela sociedade analisada, não havia provas materiais e históricas da cultura árabe (SAID, 1995), mas sim pensamentos e ideias formadas por outros.

1516

No caso o que esses orientalistas escrevem, acabam por se tornar a verdade de determinado local, pois muitas vezes o escritor escreve aquilo que a sociedade quer saber, é uma cultura produzida, que acarreta prejuízos aos que estão sendo ‘estudados’ “(...) O orientalismo, portanto não é uma fantasia avoadá da Europa sobre o Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material.” Said (1995, p. 18)

O orientalismo é a produção de verdades mentirosas, que se concretizam na sociedade como verdade. As Epistemologias do Sul, está aí para mostrar o que é real e qual sua importância dentro da sociedade mundial, está para um diálogo horizontal e não vertical.

Devemos deixar a intelectualidade se desvencilhar do pensamento Ocidental, estudarmos nossas culturas seja as do Oriente ou as do Ocidente, estudá-las com a realidade local e entendermos o que isso pode trazer de novo para nós e para todas as outras sociedades, buscando sempre na outra cultura, uma forma de conhecimento.

Conclusão

Podemos realmente julgar as culturas existentes no mundo, julgando umas como melhores e outras como piores? Isto realmente vem de dentro de cada indivíduo fazendo com que haja essa diferenciação cultural? Creio que sim, mas o nosso natural de julgamento é diferente quando não estamos mergulhados por ideias de outros.

Quando estamos em nossa essência e não temos interferência de nenhum outro povo ou cultura, julgamos outra comunidade, porque achamos sim a nossa melhor. Mas aqui temos a interferência do outro em nosso cotidiano, e a interferência é o capitalismo, que pode não estar claro em nossas mentes em nossa vida, mas que através da mídia, o que nos faz subjugar o outro para o benefício de uma potência que quer o alcance de poder, e usa de artifícios sorrateiros, como artigos, notícias e mídias, que disseminado na população atinge um patamar de significância absurda e totalmente invisível na sociedade, acarretando estragos enormes a culturas e religiões diferentes das ocidentais e europeias.

Cabe a nós julgarmos o que nos é imposto pela mídia e pelo “Outro”, devemos formar nossa própria ideia do “Outro”, deixar que nossas mentes estejam limpas dos pensamentos e objetivos capitalistas e de poder de outrem. Aliarmo-nos as Epistemologias do Sul, estudarmo-nos e conhecermo-nos através de nossas raízes verdadeiras, e aceitá-las, para que possamos aceitar a diferença cultural e religiosa do outro também. Para melhorarmos a cada dia, através do conhecimento de outras culturas, olhando-as, analisando-as, contemplando-as, para que se possa haver respeito e um lugar para todos neste mundo multicultural.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados** – O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES. Luana Hordones. Orientalismo e Ocidentalismo: Revisitando Persepolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386682125_ARQUIVO_Luan aHordonesChaves.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386682125_ARQUIVO_Luan%20aHordonesChaves.pdf)>

DUSSEL, Enrique. **1492 – O encobrimento do Outro** – A origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 16ª edição. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2001.

MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. s.l. s.d. n. 80. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/.../epistemologiasdosulRCCS80-002-introducao-005-010.pdf>>;

PANSARELLI, Daniel; PIZA, Suze de Oliveira. Sobre a descolonização do conhecimento – a invenção de outras epistemologias. **Revista Estudos de Religião**. São Paulo, v. 26, n. 43, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/.../3255>>

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. 1ª edição. São Paulo: Editora Paulinas / Paulus, 2013.

SAID, Edward W. **Orientalismo** – O Oriente como invenção do Ocidente. 1ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

TAVARES, Manuel. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses - Epistemologias do Sul. **Revista Lusófona de Educação**. Lisboa, n. 13, ed. 13, 2009. Scielo Brasil.

WESTHELLE, Vitor. Outros saberes: Teologia e ciência na modernidade. **Revista Estudos Teológicos**. s. l. n. 03, ano 35, 1995.